



Casas com história II
Amares

Casa de Castro é indissociável da história de Portugal

Francisco de Assis
e José Carlos Ferreira

A Casa de Castro, situada na freguesia de Carrazedo, é sem dúvida um dos edifícios mais importantes do concelho de Amares, por ter albergado os donatários do Entre Homem e Cávado, senhores que estão ligados aos melhores e piores momentos da história de Portugal. Mas a sua importância pode ficar ainda mais vincada pelo facto de haver historiadores que acreditam que este solar, construído em local estratégico, está edificado sobre estruturas castrejas e um convento.

Para Anne de Stoop, que escreveu "Palácios e Casas Senhoriais do Minho", «o castelo existente desde a época romana e mencionado nos arquivos a partir da Alta Idade Média faz parte dos poucos edifícios que compõem a própria textura da Europa». «Há séculos já que os senhores da Casa de Castro participavam nos acontecimentos fastos e nefastos da nação», acrescenta.

Segundo o Instituto Português do Património Arquitectónico, este solar assenta sobre um povoado castrejo que possuía uma muralha e fosso, estruturas defensivas que se supõe terem sido aproveitadas aquando da sua construção.

Domingos M. da Silva afirma, por sua vez, na obra "Monografia do Concelho de Amares" que «é fama terem aparecido no passal alicerces e outros vestígios de um antigo edifício e que aqui houve um antiquíssimo mosteiro de freiras beneditinas, que os árabes destruíram».

«Viviam estas monjas sob o patrocínio de Santa Margarida, virgem, daí a sobrevivência da capela da mesma invocação, à qual se vinculou a Casa de Castro», acrescenta o autor.

Tendo em consideração a cronologia elaborada pelo IPPAR, as inquirições dos finais do século XIII mencionam já a existência de uma torre fortificada pertencente a Rui Vicente Penela. No entanto, a mesma fonte afirma que a torre deverá ter sido construída em meados do século XIV. Um século mais tarde, com Pedro de Castro Machado,

Tal como prometemos, esta edição do "Património" do concelho de Amares é também dedicada às Casas Históricas ou com história. Neste caso, este segundo número não significa menos qualidade ou importância relativamente às outras da semana passada.

A edição de hoje abrange, porventura, algumas das mais importantes casas do concelho de Amares, como por exemplo a Casa da Tapada, onde o poeta-lavrador Francisco Sá de Miranda

viveu durante os últimos 28 anos da sua vida; a Casa de Castro, do primeiro senhor de Amares; a Casa da Salvadoura, dos Azevedos e Sousa, que continua na mesma família desde o século XV; entre outras residências por onde passaram ou viveram grandes nomes da história e cultura de Amares.

Estamos prestes a concluir a nossa passagem por Amares. O próximo, e provavelmente último suplemento, vai ser sobre as capelas.



A torre da Casa de Castro consta em arquivos da Idade Média

que se torna o 1.º Senhor de Entre Homem e Cávado, é a vez de se edificar a ala residencial do solar.

Domingos M. da Silva afirma que foi D. Afonso V, a 29 de Abril de 1450, quem doou a Pedro Machado a quinta de Castro por serviços que lhe prestara, tendo-lhe também oferecido ou-

tros bens confiscados a outros fidalgos.

Período áureo

Um dos momentos mais prósperos da Casa de Castro acontece com Manuel Machado de Azevedo, o 3.º Senhor Donatário do Entre Homem e Cávado. Ami-

go do poeta Sá de Miranda e inimigo da ociosidade, há autores que afirmam que foi ele quem ensinou a plantar oliveiras no Minho.

Anne Stoop salienta que a Casa de Castro possui algumas pinturas em madeira, das quais duas foram mandadas fazer por Manuel Machado de Azevedo.

Uma representa a pesca no Cávado e era destinada a decorar o tecto. Segundo descreve, em primeiro plano «encontra-se a azenha que ainda existe na margem direita do Cávado, perto do famoso Poço Negro». «Ao longe, vêem-se os cumes da serra do Gerês a dominar a paisagem; os in-

fantes reais seguem com interesse o trabalho dos pescadores nus que retiram as redes dessas águas em que a abundância de peixe era proverbial. Esses homens, alguns dos quais usam turbante, são na realidade escravos muçulmanos, provavelmente pescadores de pérolas no seu país», acrescenta. O outro tecto pintado, que, segundo garante a autora, já desapareceu, tem por título "História de Cisne" e ilustrava a amizade entre Manuel Machado de Azevedo e a família real. Nele se podia ver o cavalo que D. João III teria trocado com o do senhor donatário.

Outra pintura que ainda se conserva na Casa de Castro é a obra intitulada "Castro Castrum", datada de 1598. Nela se pode ver D. Margarida Machado da Silva, neta de Manuel Machado de Azevedo, no alto do seu castelo a contemplar os soldados, o cortejo de magistrados, a multidão e um tabelião que reconhece oficialmente os direitos daquela dama sobre a Casa de Castro. Esta pintura mostra o culminar de um processo que durou 30 anos e que opôs Margarida Machado da Silva à sua madrastra que reivindicava o solar para si.

Para além destas obras existe ainda no solar os quadros "Incêndio de Tróia" e "Destruição de Jerusalém" que, segundo Vítor Serrão, poderão ter saído da «produção das oficinas braçarenenses», mais concretamente da casa de Manuel Arnão Leitão, cujo período mais activo se situa entre 1591 e 1608.

Ao longo do tempo, a Casa de Castro já passou por 13 gerações após Manuel Machado de Azevedo. Hoje a casa continua a pertencer a um dos seus descendentes, D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena.

Casa da Tapada foi refúgio do poeta Sá de Miranda

A Casa da Tapada, na freguesia de Fiscal, foi o local escolhido pelo poeta Sá de Miranda para se refugiar nos últimos 28 anos da sua vida. O sossego do local deve-o ter inspirado em muitos dos seus trabalhos, existindo na quinta a Fonte do Poeta, onde se pensa que Sá de Miranda terá escrito alguns dos seus sonetos.

Segundo Franquelim Neiva Soares, a Quinta da Tapada remonta a 3 de Maio de 1530, data em que Francisco Sá de Miranda e a sua mulher compraram metade da quinta do Barrio, a par de outras terras na mesma freguesia e na Torre.

Mas, a totalidade da quinta só ficou definitivamente constituída em 1550, quando o "Poeta Lavrador" adquiriu a outra metade, vedando os respectivos montados. A propriedade nesta altura já era conhecida pela Quinta do Barrio Novo ou por Barrio da Fonte, assim continuando por vários anos. Só posteriormente mudou para Quinta da Tapada, designação pela qual agora ainda é conhecida.

No seu artigo intitulado "Visita de saudade e homenagem a Sá de Miranda na igreja de Carrazedo e na Quinta da Tapada, no Primeiro de Dezembro de 1986", Franquelim Neiva Soares assegura que o Poeta do Neiva só se mudou para esta quinta por volta de 1552.

«Aqui passou ele a sua velhice e sofreu imensos des-



A Casa da Tapada está envolta em vinhas e numa floresta centenária

gostos que muito lhe abalariam a saúde», afirma, realçando factos como a morte do filho primogénito Gonçalo, em 1553; a morte do seu amigo o Infante D. João, em 1554; o falecimento da sua esposa D. Briolanja, em 1555; e a morte do rei D. João III que lhe havia concedido a comenda, em 1557. «O desaparecimento dos amigos e o

aumento dos achaques levaram à sua morte depois de meados de Maio de 1558», afirma o autor.

Segundo Domingos M. da Silva, na sua "Monografia do Concelho de Amares", nada fez com que Sá de Miranda saísse desta sua propriedade, nem mesmo os apelos que vinham da capital do Reino, nomeadamente daqueles que

reclamavam de D. João III que o chamasse para livrar o país de tantos ladrões. «Mas Sá de Miranda não arredou pé do seu voluntário retiro, do seu apetecido ermitério da Tapada», afirma.

Vários aumentos ao longo do tempo

A casa que actualmente existe não é toda do tempo do poeta. «Contemplando rapidamente a casa, verifica-se que se trata de uma magnífica mansão senhorial, aumentada posteriormente na parte mais afastada em relação à Capela de Nossa Senhora da Guia», afirma Franquelim Neiva Soares. Segundo explica, o edifício mais antigo é que contém mais esconderijos, como era costume desses tempos.

O Instituto Português do Património Arquitectónico, por sua vez, descreve este imóvel histórico como sendo uma casa solarenga com capela, produto de diversas transformações e sucessivos aumentos ao longo do tempo. Actualmente, é composta por um conjunto de terraços voltados para Este,

mútuos entre eclesiásticos.

No nível intermédio localiza-se a Capela de Nossa Senhora da Guia, que foi concluída em 1615 e mandada construir por Francisco Sá de Menezes, que ali se encontra sepultado e foi neto de Francisco Sá de Miranda. No terraço menos elevado e mais largo situam-se os três corpos de habitação. O IPPAR afirma que a ala mais antiga, à esquerda, está construída contra o desnível, tirando-se partido da inclinação do terreno para facultar a entrada directamente do exterior para as traseiras, onde se situa a cozinha. De salientar a existência no jardim em frente aos corpos de habitação de algumas esculturas, uma das quais do século XVII, representando Santiago a combater os mouros. Este elemento decorativo já esteve na fachada do edifício.

Neste momento, os proprietários da Quinta da Tapada comercializam no mercado produtos vitivinícolas e esperam desenvolver a curto prazo um projecto de turismo. A ideia é oferecer um local de descanso com valor histórico, onde as pessoas possam usufruir de uma floresta centenária que possui várias espécies de árvores, das quais umas são exóticas e outras autóctones.



O edifício já sofreu algumas transformações



A escultura de Santiago a combater os mouros é do século XVII

Antigo couto dos asilados da justiça

Casa da Salvadoura continua na família desde o século XV

A Casa da Salvadoura, na freguesia de Goães, é das poucas casas do concelho de Amares que continua na mesma família desde a sua fundação, no caso os Azevedo e Sousa. Sobre a designação Salvadoura, há duas versões: Salvadoura, pelo facto de ter sido "couto dos homiziados", ou seja, acolhia, na época medieval, os asilados da justiça; mas há uma versão lendária mais nobre e hospedeira, segundo a qual o rei D. Manuel I, numa passagem a Caminho de Santiago de Compostela, pelo Gerês, terá sido recebido nesta quinta e o fidalgo da casa serviu-lhe água numa Salva d'ouro. O monarca terá ficado tão surpreendido por ter sido servido numa peça tão valiosa, num local tão inesperado, que apelidou a casa de "Salva d'ouro", num gesto de agradecimento e homenagem.

No entanto, é uma versão pouco credível e que é posta em causa pelo actual proprietário, uma vez que havia um caminho de Santiago mais a sul que era mais curto e menos acidentado. O estudo desta casa e da respectiva família vai ser brevemente publicado em monografia. A obra está a ser preparada por Azevedo e Sousa.

Sobre os homiziados, Domingos M. da Silva es-



Parte frontal da Salvadoura, com capela

Azevedo e Sousa por intermédio dos Coelhos, fronteiros-mor do território, o qual veio aos Azevedos por casamento de Aldonça Coelho com Diogo Gonçalves de Azevedo, dito do Castro, e pais de Lopo Dias de Azevedo, que foi o primeiro donatário destas terras. Isto é, a casa estará na família desde 1360.

Mas o mais antigo documento da casa refere-se a um testamento de Joana de Azevedo, em 21 de Maio de 1555, dos bens da Salvadoura, a favor do seu sobrinho António de Sousa Azevedo.

Mais tarde, em 13 de Fevereiro de 1562, António de Sousa Azevedo viria a doar, em testamento, todos os bens da Salvadoura ao filho Manuel de Sousa Azevedo.

Salvadoura recuperou o esplendor de outrora

No entanto, na padieira do portão de entrada da Casa pode-se ler a data de 1449 que se presume ser da construção de uma parte do imóvel, que já se sabe, foi feita em várias fases. Por exemplo, a escadaria terá sido construída no século XVII ou XVIII e a capela em 1605.

A antiga capela e parte do brasão terão sido destruídos pelas tropas de Napoleão Bonaparte, no princípio do século XIX.

A casa está a ser reconstruída, com grandes modificações e adaptações aos novos tempos e a novas necessidades. Mas o proprietário procurou preservar tudo aquilo que era possível. A traça exterior e a sacristia da antiga capela de Nossa Senhora do Amparo são disso exemplo.

Hoje é um novo "palácio" que, pelo menos para quem passa na estrada, recuperou o esplendor de outrora. Os actuais senhores da Salvadoura ainda não decidiram o destino da casa. Mas será, certamente, para alguma forma de exploração turística, onde o moderno e o antigo se conjugam.

Os materiais utilizados, as soluções arquitectónicas utilizadas revelam o cuidado em não se destoar do ambiente circundante.

Segundo o proprietário, a Salvadoura passou ao longo dos séculos um testemunho de pai para filho, de Azevedo para Azevedo, os quais nos dias de hoje ainda possuem e detêm os apelidos desses antigos senhores de Entre Homem e Cávado, São João de Rei e Terras de Bouro. [À época todos eram concelhos].



A eira inclinada será um dos atractivos da Casa

creve na "Monografia do Concelho de Amares": «o povo ainda sente a força dessa tradição, afirmando que bastava tocar nas paredes para se ficar salvo, quer dizer, na impunidade».

Não há certezas sobre a data da construção da Casa da Salvadoura. Certa é a sua permanência na mesma família desde o século XV, salvo durante um curto período de tempo. Azevedo e Sousa considera que não é descabido afirmar que «a Salvadoura existe deste os alvares da nacionalidade, onde foi constituído um couto de homiziados e do qual surgiu o nome Salvadoura».

A quinta pode ter sido passada para as mãos dos



Escadório antigo e parte da casa em reconstrução

Quinta da Bornaria construída entre os séculos XVIII e XX

A Quinta da Bornaria, na freguesia de Ferreiros, foi construída em diferentes épocas, sendo a parte mais antiga, de acordo com as datas registadas nas paredes, no início do século XVIII. No entanto, a actual fachada da casa da quinta foi completamente mudada em 1997, depois da construção da nova estrada. As pedras foram numeradas e recolocadas nos respectivos lugares.

Antigamente, a Quinta da Bornaria abrangia uma vasta área. Segundo os actuais proprietários, ia das ruínas do solar de Vasconcelos até aos lagares de azeite, onde é hoje um estabelecimento de diversão nocturna.

Os antigos proprietários foram-se desfazendo dela para fazerem face às despesas e a obras de restauro. A dimensão da actual quinta não chega a um hectare de terreno. Uma das mais recentes intervenções aconteceu há cerca de 40 anos.

A casa é uma residência típica de lavradores abastados, com caseiros, provavelmente três. A parte mais antiga foi feita em 1781; os sequeiros de cereais, virados a Nascente, foram feitos em 1882; a residência principal foi construída ou reconstruída em 1847, pelo menos a julgar pela inscrição na porta.

Nesta quinta existe um enorme espigueiro, que



Esta fachada da Quinta da Bornaria foi puxada para fora

poderá ser o maior de Amares. Na realidade são três em um, com divisões, cada um com a sua porta. Pensa-se que o espigueiro era pertença dos três caseiros da casa.

O actual proprietário é António Bernadino Barbosa de Macedo, que adquiriu a quinta da antiga herdeira D. Leopoldina Ernesta da Costa Fernandes.

A casa tem a particularidade de ter uma série de peças antigas, um gosto que

vem dos antigos proprietários. Um quadro de caça em azulejo, bastante antigo, que foi recentemente recuperado; uma burra, que poderá ser do século XV ou XVI. No salão nobre da casa, sobressai um oratório muito bonito, com várias peças. Um dos objectos que desperta curiosidade é um Cristo crucificado, cujos pés não estão cruzados, ao contrário do que é habitual. Realce ainda para um menino Jesus barroco.

No jardim, há um relógio de sol, coberto de plantas, e outros objectos que, mais tarde, vão ter o devido acondicionamento. Aliás, os actuais proprietários vão fazendo obras de restauro à medida do possível.

Casa da manceba de Bernardim Machado?

Durante a nossa pes-

quisa surgiu a dúvida se a Quinta da Bornaria seria a mesma que a Casa da Bornaria, mandada fazer pela manceba de Bernardim Machado.

No entanto, parece que serão estruturas diferentes. Domingos M. da Silva, fala na Casa da Bornaria ou "Paço novo", que foi de Gomes Machado de Azevedo, que se supõe ter sido o primeiro a escrever a "Vida de Sá de Miranda" e de quem era sobrinho por

afinidade por causa da esposa do poeta D. Briolanja de Azevedo.

A "Monografia do Concelho de Amares" refere que existia um brasão, algumas ruínas e vestígios do passado de grandeza. Porém, os actuais proprietários da Quinta da Bornaria desconhecem se alguma vez a casa teve brasão.

O que nos leva a concluir que, de facto, existia uma outra Casa da Bornaria que, segundo investigação de D.L. de Azevedo e Sousa, que brevemente vai publicar uma monografia sobre a Casa da Salvadora e a família; a casa foi mandada fazer por Joana de Azevedo, uma jovem manceba «furtada» por Frei Bernardim Machado filha de Júlio Senante, um fidalgo poderoso de Malta, antigo S. João de Rodes.

Frei Bernardim baptizou a jovem com o nome da mãe, Joana de Azevedo. Desta relação nasceram vários filhos, entre os quais Gomes Machado de Azevedo, que passou a ser o senhor da Casa da Bornaria. Antigamente, celebrava-se a festa de S. António nesta quinta.

De referir, ainda, que o apelido Azevedo é o mesmo de várias famílias nobres de Amares.



Casa dos antigos caseiros da quinta



Este oratório, no salão nobre da casa é muito antigo

Barroco e neoclássico influenciaram a construção da Casa da Ribeira

A Casa da Ribeira, em Figueiredo, é um belo exemplar das antigas residências, tipo palacete, construída na sobranceira do Rio Cávado, formando com a Ponte do Porto, o rio em si e a paisagem circundante um quadro idílico verdadeiramente deslumbrante.

O edifício terá sido mandado erigir por António Xavier de Araújo Barriga. A data da edificação não está determinada, mas foi, com certeza, em meados do século XVIII, uma vez que o proprietário nasceu em Outubro de 1739. António Xavier de Araújo Barriga era proveniente da Casa do Outeiro, em Moure, Póvoa de Lanhoso.

No livro "Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga", de Artur Vaz-Osório da Nóbrega, pode-se ler que a Casa da Ribeira esteve sempre na posse da mesma família e alguns dos seus membros foram importantes personalidades do Norte do País, particularmente no Minho. O mais recente notável foi Carlos Alberto de Magalhães e Menezes de Azambuja que foi eleito senador no regime de Sidónio Pais, 1872-1918, e chefiou a Revolução de Outubro de 1910, que pôs fim à monar-



Casa da Ribeira, sobranceira ao rio Cávado.

quia; tendo sido mais tarde eleito Presidente da República. Foi esse elemento dos Menezes de Azambuja quem fez o discurso da pro-

clamação da República no Norte; foi várias vezes vereador da Câmara de Braga, presidente da Junta-Geral do Distrito de Braga e ainda da Junta da Província do Minho.

O último familiar a viver na casa foi Arnaldo de Sousa Machado de Magalhães e Menezes d'Azambuja, recentemente falecido. Por morte deste, a viúva, Maria Fernanda Teixeira Dias Maia Magalhães Menezes Azambuja herdou a Casa da Ribeira. No brasão da casa ainda se pode ver o pano preto, símbolo de luto pela morte do familiar.

Em relação ao estilo arquitetónico, sendo construído no século XVIII não podia escapar às influências barrocas, nomeadamente na simetria perfeita, embora num dos lados sejam apenas simulações, uma vez que as portas e janelas não têm nem volume nem funções. E a simetria fica-se mesmo só pelo exterior.

Mas a casa reflecte também já um estilo neoclássico, como se pode ver pelo remate semi-circular do frontão.

Segundo o site da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a "vox-populi" da zona comentava que a casa tinha tantas portas e janelas como os dias do ano.

Anne Stoop, na sua obra "Palácios e Casas Senhoriais do Minho", ficou entu-

siasmada com a qualidade de alguns acabamentos e peças da casa. O tecto em masseira, uma pintura do quadro de Cristo Crucificado no Calvário entre os dois ladrões foram algumas obras que encantaram a escritora.

Depois de um assalto, o

recheio da casa foi retirado e colocado em local seguro.

A casa tem uma capela dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

Antigos Paços do concelho de Amares

O edifício dos antigos Paços do Concelho não é muito antigo nem é nenhum primor em termos arquitetónicos, mas representou a sede do poder no concelho de Amares, o Tribunal de Amares, a Repartição de Finanças, a Fazenda Pública e a Cadeia.

Agora, a Câmara Municipal de Amares pretende recuperar o edifício e instalar ali a Biblioteca Municipal. Além deste importante organismo, de grande utilidade para o saber; o executivo municipal liderado por José Barbosa acredita que a recuperação e aproveitamento do imóvel vai trazer vida nova à freguesia de Amares.

O equipamento pode conferir à zona «um forte potencial para acelerar a revitalização do núcleo urbano envolvente, adormecido desde que daqui saíram os serviços camarários, judiciais e fiscais», refere a memória descritiva do projecto.

Recorde-se que o edifício foi iniciado no século XIX e sofreu várias alterações durante o século seguinte.



Brasão da família da casa, ainda com sinal de luto



Antigos Paços do Concelho de Amares, futura biblioteca

Emigrante no Brasil construiu Quinta do Paço

A Quinta do Paço, na freguesia de Lago, é tipicamente uma casa de brasileiro. Um estilo que se vê muito nalguns concelhos do distrito de Braga, onde as pessoas identificam estas construções como sendo as "casas de torna viagem".

Segundo a actual proprietária, a Quinta do Paço foi mandada construir nos dois primeiros anos do século XX, por um português que tinha ido para Manaus, no Brasil, onde fez fortuna.

Maria Amélia Teles e Castro conta que, António José Soares fundou uma casa comercial, que, segundo informações que recolheu recentemente junto de brasileiros que visitaram a sua propriedade, ainda hoje existe. Assim, com a fortuna que juntou em Manaus, este emigrante mandou construir a Quinta do Paço, com um total de 28 divisões.

«Pelo que me foi dado a perceber, António José Soares ou realmente adquiriu uma cultura, em termos de arquitectura e de decoração, razoável, ou rodeou-se de pessoas com conhecimentos», afirma.

A actual proprietária, que adquiriu o imóvel em 1980, sustenta a sua ideia pelo facto de numa mansão desta envergadura, com 28 divisões, edificada no início do século XX, houve a preocupação de se construir no primeiro andar uma casa de banho digna desse nome.



A Quinta do Paço possui 28 divisões

Continuando a falar na organização da Quinta do Paço, Maria Amélia Teles e Castro realça que todo o piso ao nível térreo foi pensado e transformado para as actividades agrícolas. No local ainda permanecem o lagar de vinho assim como a adega que estão perfeitamente conservados e que poderiam ser utilizados.

A proprietária salienta que houve sempre da parte da sua família a preocupação em manter a estrutura original, embora tenha introduzido algumas modificações que lhe permitiram construir uma biblioteca muito original no lagar. «Tudo aqui em baixo é original e ainda se pode fazer vinho. Não se tirou absolu-

tamente nada. A única coisa que foi adaptada foi a parte das estantes e a parte do varandão que se tem para circular e ter acesso aos livros», garante.

Uma biblioteca no lagar

Maria Amélia Teles e

Castro conta, aliás, que a história da construção da biblioteca é muito curiosa. Segundo explica, o seu filho mais novo comprava vários livros, mandando-os vir especialmente de Lisboa. «Numa casa com soalho de madeira, onde não há placas de cimento, a concentração de livros num mesmo espaço é um

bocado violento e eu não sabia onde pôr os livros», relembra.

Saturada de ouvir o filho a questionar tantas vezes onde haveria de colocar as obras adquiridas, a proprietária afirma que um dia lhe terá respondido, "ponho-te os livros no lagar" sem nunca pensar que a ideia poderia ser aproveitada. «E, o meu marido disse, uma óptima ideia. Vai-se fazer a biblioteca no lagar», conta.

A verdade é que chamaram o marceneiro e em 15 dias a obra foi concretizada. «Foi pela insistência, especialmente do meu filho mais novo, que a biblioteca veio parar aqui porque não tínhamos outro sítio. São muitos livros para se concentrar num sítio só», acrescenta.

Maria Amélia Teles e Castro afirma que, actualmente, as 28 divisões da Quinta do Paço estão praticamente todas mobiladas. «Mesmo os oito quartos do último andar estão mobilados», garante.

A esta quinta está associada a Sociedade Vinícola Entre Homem e Cávado que produz cerca de 200 pipas de vinho verde por ano. Depois de já ter exportado para a França e a Holanda, actualmente a empresa aposta no mercado regional e nalguns clientes no Sul do país.



A biblioteca foi construída no lagar da casa



Amareos possui outras casas de emigrantes brasileiros



D.M. Francisco de Jesus

A Casa de Santo António possui uma capela com porta virada para a estrada. Este pequeno templo foi construído por António Fernandes da Silva, de quem se vê o braço na fachada, logo abaixo da cruz.



D.M. Francisco de Jesus

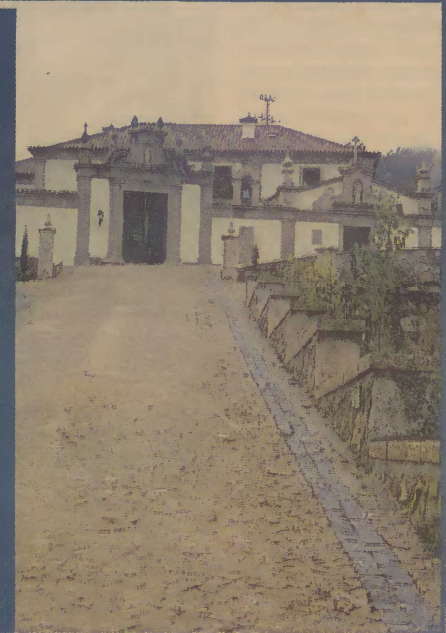
A Casa de Castro foi a residência dos Senhores Donatários do Entre Homem e Cávado. Hoje ainda habita nela D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena, descendente de Manuel Machado de Azevedo.



D.M. Francisco de Jesus

Na freguesia de Goães encontra-se o magnífico palacete conhecido pela Casa do Pinheiro. Possui um belo jardim, com piscina. O seu escadório está embelezado com duas estátuas.

A Casa da Salvadoura, que se mantém na mesma família desde a sua fundação, está a ser totalmente recuperada pelo seu actual proprietário.



D.M. Francisco de Jesus



D.M. Francisco de Jesus

Na fachada da sacristia da capela da Casa da Salvadoura está exposta uma pedra brasonada que foi encontrada no local onde deveria estar a capela primitiva. Entre os símbolos heráldicos pode ver-se a águia dos Azevedos.



D.M. Francisco de Jesus

A Casa da Tapada foi mandada construir por Francisco de Sá de Miranda. Na sua quinta existe a Fonte do Poeta, onde se pensa que ele terá escrito alguns dos seus sonetos.